

Quem tem boca vai a Roma

Cenatexto

Mais uma vez, lá vai o Severino em busca de informações. Em que estará ele se metendo agora, e como se sairá? Verifique.

Severino procura uma pessoa chamada Pereira, um carpinteiro, a mando de Osias, seu encarregado. Na porta do escritório, alguém lhe informa que Pereira se encontra na cantina. Osias pergunta então como é o Pereira, pessoa desconhecida para ele. O informante, um sujeitinho metido a elegante, diz:

– O Pereira tem cara de quem não faz barba há muitos dias, e sua aparência de sujo é acentuada pelas unhas encardidas e pelo macacão desbotado e puído. A calça do macacão é pequena e apertada, as botinas são velhas e sujas. Tem uns dentes assim, grandões, bastante irregulares.

Severino formou imediatamente em sua cabeça a imagem do Pereira, e tratou de procurá-lo na cantina. Mas não encontrou ninguém que se parecesse com o sujeito da descrição feita. Confuso, perguntou novamente pelo Pereira e informaram-lhe que ele havia ido ao galpão de veículos. Ao pedir nova descrição do procurado, teve a seguinte resposta:

– O Pereira? Ah, ele é um cara bacana. Nesse momento, ele deve estar indo pro chuveiro, que essa é a hora dele largar. Todo final de semana, a essa hora, ele toma seu banho e veste umas roupas limpinhas pra namorar. É um sujeito muito alegre, todo mundo gosta daquela risada enorme, com aquele bocão e os dentes grandes super brancos, realçados pelo azul dos olhos. Você vai gostar dele.



Severino encontrou Pereira na entrada dos chuveiros. Ele ainda estava com a roupa de trabalho, mas foi facilmente reconhecido quando acabava de contar uma piada aos amigos, e gargalhava com vontade. Pensando nas duas descrições, Severino fica se perguntando o que havia de igual e diferente entre elas. Afinal de contas, as duas referiam-se ao mesmo indivíduo, e não dava para afirmar que uma delas estivesse errada.

- Como é que pode?

Pensando bem, parece que é muito difícil fazer relatos ou descrições de maneira totalmente imparcial.

1. Pois é, muitas vezes é difícil dar uma informação sem fazer um *juízo* sobre a pessoa, a coisa ou o fato informado. O juízo é uma maneira própria de ver as coisas, envolvendo valores e crenças e, em geral, expressando um ponto de vista. Pensando nas duas descrições, descreva Pereira em poucas palavras, sem julgamentos.
2. Como você resolveria a dúvida final de Severino? O que é que havia de igual e diferente nas duas descrições de Pereira?
3. Como seria a pessoa que deu a primeira descrição de Pereira? Como você chegou a essa conclusão?
4. Comparando as duas descrições e as informações que você tem no último parágrafo, aponte a característica comum que, provavelmente, levou Severino a identificar o sujeito procurado.

Hoje, você vai trabalhar com a descrição e a informação imparcial. Você vai ver quando é bom ser imparcial e opinativo.

Pense na última frase que aparece na Cenatexto. Realmente, é difícil sermos totalmente imparciais. Para ser imparcial, a gente tem que deixar de lado as próprias posições e pontos de vista, as crenças e os valores pessoais etc., na hora de dar a informação. Apesar de ser difícil, há casos em que a imparcialidade é fundamental. Na Justiça, por exemplo, o juiz não pode tomar partido nem ficar nas aparências. Ele tem que decidir com base nos fatos. E os fatos são informados pelos depoentes, pelos testemunhas ou pelas pessoas que sabem de alguma coisa. E essas informações devem ser objetivas e claras.

A imparcialidade é especialmente importante **na imprensa**, seja ela falada, escrita ou televisionada. Lendo diversos jornais, vemos a diferença com que são tratados os mesmos fatos. Assistindo a dois ou três noticiários de televisão à noite, você vai perceber a diferença entre as mesmas notícias, apresentadas em um canal ou outro.

Afinal de contas, é possível sermos imparciais quando damos alguma informação, quando fazemos algum comunicado?

Entendimento

Redação no ar

Voltando à Cenatexto, vemos que Severino recebeu duas informações (descrições) diferentes sobre a mesma pessoa. A primeira parece colocar aspectos não muito positivos sobre a pessoa descrita (o Pereira); a segunda já é bem mais agradável. Junte as duas opiniões em uma só, tentando conciliar todas as opiniões. Veja como poderia ficar a descrição:

“Pereira não faz barba há muitos dias porque hoje é sexta-feira, que é o dia em que ele se barbeia. Suas unhas ficam encardidas por causa do trabalho, mas toda sexta-feira a essa hora ele toma um banho bem demorado, e vira outro.”

Com relação às roupas, ele também tem dois momentos:

“Aí ele troca o macacão desbotado e puído e as botinas velhas e sujas por roupas e sapatos limpos, e vai namorar.”

Sabemos que sua boca é grande e seus dentes são irregulares, mas a risada é cativante e os olhos são bonitos:

“Tem uns dentes assim, grandões, e bastante irregulares, mas todo mundo acha bom quando ele dá aquela risada enorme com aquele bocão e os dentes super brancos, realçados pelo azul dos olhos.”

Depois de tudo pronto, podemos acrescentar alguns julgamentos, que não prejudicam em nada o relato, como o fato de ele ser “bacana”, alegre, agradável. Aí o nosso parágrafo descritivo fica assim:

– O Pereira? Ah, ele é um cara bacana. Não faz barba há muitos dias porque hoje é sexta-feira, que é o dia em que ele se barbeia. Suas unhas ficam encardidas por causa do trabalho, mas toda sexta a essa hora ele toma um banho bem demorado, e vira outro. Aí ele troca o macacão desbotado e puído e as botinas velhas e sujas por roupas e sapatos limpos, e vai namorar. Tem uns dentes assim, grandões, e bastante irregulares, mas todo mundo acha bom quando ele dá aquela risada enorme com aquele bocão e os dentes super brancos contrastando com o azul dos olhos. É um sujeito muito alegre. Você vai gostar dele.

Que tal este novo Pereira? Será que com esse relato nós conseguimos ser mais imparciais, apresentando os dois lados da moeda? Sim. Mas há um “porém” nessa história. Essa descrição é muito longa, cheia de detalhes, com avaliações etc. Veja agora uma descrição mais “econômica”, com menos bláblá e sem julgamentos:

“O Pereira? Ele deve estar no chuveiro. É um sujeito baixinho, moreno, com uns dentes grandes, tem olhos azuis e ri de boca aberta.

Em geral, descrevemos as pessoas dizendo a idade aproximada, a altura, a cor dos olhos, o peso, o tipo de cabelo, o tipo de roupa que usa normalmente e algum outro detalhe. Mas não ficamos contando detalhes sobre a vida particular dela. Isso já seria um início de fofoca. Por isso, a última das descrições do Pereira, a descrição mais econômica, é a mais aconselhada. Mas tudo vai depender do que você quer. Por exemplo, se você vai descrever a sua namorada ou a de seu amigo... bom, aí é outro departamento!

Arte e vida

Nas duas últimas aulas, você aprendeu o que eram *gêneros literários* e viu alguns detalhes sobre o *gênero lírico* e o *gênero dramático*. Agora, observe um terceiro gênero literário: o *gênero épico* ou *gênero narrativo*. Quando você conta um caso, ou uma piada, você está utilizando o gênero narrativo. Contar histórias é uma das atividades mais antigas do homem. Nós sempre gostamos de contar e de ouvir histórias, porque elas nos informam, nos fazem rir, emocionam, assustam.

Leia o pequeno texto narrativo seguinte:

O socorro

Ele foi cavando, cavando, cavando, pois sua profissão – coveiro – era cavar. Mas, de repente, na distração do ofício que amava, percebeu que cavara demais. Tentou sair da cova e não conseguiu. Levantou o olhar para cima e viu que, sozinho, não conseguiria sair. Gritou. Ninguém atendeu. Gritou mais forte. Ninguém veio. Enrouqueceu de gritar, cansou de esbravejar, desistiu com a noite. Sentou-se no fundo da cova, desesperado. A noite chegou, subiu, fez-se o silêncio das horas tardias. Bateu o frio da madrugada e, na noite escura, não se ouvia um som humano, embora o cemitério estivesse cheio dos pipilos e coaxares naturais dos matos. Só pouco depois da meia noite é que lá vieram uns passos. Deitado no fundo da cova o coveiro gritou. Os passos se aproximaram. Uma cabeça ébria apareceu lá em cima, perguntou o que havia: “O que é que há?”

O coveiro então gritou, desesperado: “Tire-me daqui, por favor. Estou com um frio terrível!”

“Mas, coitado!” – condoeu-se o bêbado – “Tem toda razão de estar com frio. Alguém tirou a terra de cima de você, meu pobre mortinho!” E, pegando a pá, encheu-a de terra e pôs-se a cobri-lo cuidadosamente.

Fonte: Millôr Fernandes. *Fábulas fabulosas*. Nórdica. Pág. 13.

Nessa pequena narrativa, a surpresa da história está no final inesperado. Repare que o texto narra acontecimentos que se passam no tempo, envolvendo personagens (o coveiro e o bêbado). Existe também um local (no caso, o cemitério) onde os fatos ocorrem. Outro elemento importante que aparece em toda narrativa é o *narrador*, que é quem conta a história. Quando o narrador participa da história, dizemos que a narrativa está em primeira pessoa. Quando, como no caso acima, ele não participa dos acontecimentos, a narrativa é em terceira pessoa. O narrador é alguém de fora. Pois bem, essas são algumas das características do gênero narrativo (chamado de épico).

Aí estão os três principais gêneros literários com algumas das formas possíveis:

- a) **gênero lírico:** (poemas, poesia lírica, cantos etc.)
- b) **gênero narrativo:** (contos, romances, histórias, narrativas, novelas etc.)
- c) **gênero dramático:** (tragédias, comédias, teatros, óperas etc.)

Essa distribuição das obras literárias em três gêneros vem sendo feita desde a Grécia Antiga, onde era bastante diferente do que hoje. De lá para cá, muita coisa mudou porque surgiram novas formas de obras literárias e muitas teorias. A seguir, apresentamos um quadro-síntese comparando os três gêneros literários para facilitar sua compreensão das semelhanças e diferenças.

LÍRICO	ÉPICO	DRAMÁTICO
Representação de emoções.	Narração objetiva do mundo.	Expectativa, tensão em relação ao futuro.
Revelação da interioridade.	Apresetação de fatos.	Atualização de fatos em diálogo.
Função emotiva: predomínio do emissor, primeira pessoa.	Função referencial: predomínio do tema, terceira pessoa.	Função apelativa: predomínio do receptor, segunda pessoa.
Presença de um eu que expõe suas emoções.	Presença de um narrador que comunica o mundo.	Autonomia dos acontecimentos (ausência de narrador).
O mundo exterior se torna uma metáfora das emoções do sujeito, que permanece o centro de interesse.	O centro de interesse da narrativa é a história conhecida e mostrada pelo narrador.	O centro de interesse é o conflito captado diretamente pelo espectador / leitor sem a interferência de um narrador.
Indefinição de espaço e tempo. Não são importantes.	Definição de espaço e tempo em que ocorrem os fatos.	Definição de espaço e tempo.
Indefinição de personagens. Predomínio de sentimentos.	Personagens definidas e apresentadas pelo narrador.	Personagens concretizadas através da presença física do ser humano.
Predomínio da linguagem conotativa: uso do ritmo e musicalidade.	Predomínio da linguagem denotativa.	Uso de todo tipo de linguagem.

Os especialistas em Literatura já não acham tão fácil manter a divisão acima. Por isso, você vai encontrar livros que põem em dúvida essa divisão e essas características. Alguns autores, por exemplo, defendem que só existem dois gêneros literários, *prosa* e *poesia*.

1. **prosa** (seriam todas as formas literárias como conto, romance, novela drama, teatro, narrativas etc. em que há um narrador ou a presença do **ele** como ponto de vista. Este tipo de gênero englobaria o gênero narrativo e o gênero dramático.)
2. **poesia** (seriam todas as formas em que predomina a poesia, o poema, a lírica e a presença do **eu**.)

Hoje, se considera que aquela tripartição (divisão em três partes) serve para se ter uma visão geral, mas pode haver uma mistura dos três gêneros. Para você, o importante é fixar a idéia de que existem diferenças entre os diversos tipos de obras literárias. Você sabe, por exemplo, distinguir entre uma narrativa e uma poesia. Entre um teatro e um romance. Entre uma tragédia e um poema lírico.

Quais são mesmo essas diferenças? Discuta com seus amigos!

Informações sobre o autor do texto *O socorro*:

Millôr Fernandes. Humorista, jornalista e dramaturgo brasileiro. Nasceu no Rio de Janeiro-RJ, em 1924. Entre as obras de Millôr Fernandes estão: *Uma mulher em três atos* (1952), *Computa, computador, computa* (1972) e *É...* (1977)